



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

**O papel social do negro na mídia televisiva diante das expressões da
folkcomunicação¹**

eronsampaio69@hotmail.com

Eron Sampaio de Sá²

Joyce Karoline Pinto Oliveira PONTES³

Faculdade Martha Falcão - WYDEN, AM

Resumo

Raramente se visualiza no telejornalismo brasileiro âncoras e repórteres negros, independentemente do gênero. O estereótipo que se vê são pessoas de pele clara, cabelos lisos, o que pode ser compreendido pelo senso comum como um preconceito racial, mesmo que velado. O preconceito começa ainda em sua jornada acadêmica e percorre a difícil luta pela busca do emprego. E quando se tem a oportunidade, as pessoas de cor preta são colocadas na produção, ou em níveis hierárquicos inferiores. Dificilmente se vê como âncoras ou repórteres de um telejornal. Logo, ainda são poucos os profissionais negros na imprensa televisiva brasileira. Neste sentido, os estudos sobre a Folkcomunicação se tornam legados visando conscientização e interesse de acadêmicos de Comunicação Social, além dos profissionais da área que atuam em grupos de pesquisa nesse segmento.

Palavras-Chave: Folkcomunicação, Negro, Televisão.

¹ Trabalho apresentado no GT 2: Expressões da folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Acadêmico de Jornalismo da Faculdade Martha Falcão - WYDEN. Email: eronsampaio69@hotmail.com – Manaus-AM- Brasil.

³ Jornalista. Mestre e Doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM/PPGSCA). Docente na Faculdade Martha Falcão - WIDEN e Orientadora do Trabalho. Email: joycekarolinepontes@gmail.com – Manaus-AM- Brasil.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Introdução

Muitos negros são chamados de afrodescendentes (ou afro-brasileiros) devido à ascendência africana. No entanto, essa não é uma exclusividade dos negros. Muitos brasileiros aparentemente brancos são parcialmente descendentes de africanos, assim como muitos negros são parcialmente descendentes de europeus. Pensando em trazer como reflexão esta proposta, o objetivo deste trabalho é contribuir para uma redefinição conceitual do papel do negro no telejornalismo brasileiro, que muitas das vezes é visto de maneira preconceituosa. “[...] um indivíduo à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e se fundiram totalmente”. (BELTRÃO, 1980, p. 39).

Relevante é destacar que no Brasil tem que ser revista e mudada esta situação nas empresas de comunicação de massa, o número de negros em papéis teve uma ascensão no país neste século XXI, com a participação nos telejornais nacionais das repórteres: Maria Júlia Coutinho (Maju), a primeira negra a fazer a previsão do tempo nacionalmente, Heraldo Pereira, o primeiro negro a compor a bancada do Jornal Nacional, a jovem comunicadora do Profissão Repórter, Valéria Almeida. A Apresentadora e repórter Glória Maria, inspiração para os veteranos e futuros jornalistas. Zileide Silva, repórter do cenário de Brasília. A repórter que ganhou em 2011 o troféu Raça Negra de Jornalismo, Dulcineia Novaes, todos os citados são referências da Rede Globo de Televisão.

Entre os anos de 2012 e 2016, o número de brasileiros que se autodeclararam pretos aumentou 14,9% no Brasil, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgada dia 24 de novembro de 2017, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No Amazonas a população autodeclarada preta cresceu 32,2%, mais que o dobro do País. Observando a cidade de Manaus, somando-a também ao problema a toda sociedade brasileira faz-se assim uma comparação dos dados atuais, permitindo então visualizar de forma clara a discriminação profissional do negro na profissão de jornalista ou repórter. Desta forma, e tem como indagação nesta pesquisa questionar onde está o negro no telejornalismo brasileiro?



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Para o bom desenvolvimento da pesquisa utilizamos recursos que nos permitirão levantar dados que tratem do problema e comprovem a hipótese acima elencada, a metodologia empregada, a princípio, constitui-se do levantamento bibliográfico, coleta de livros, revistas, relatórios, Rede Mundial de Computadores (Internet). Por conseguinte haverá uma visão maior do problema, através da constatação de obras de grandes intelectuais como Florestan Fernandes, outros estudiosos sobre o tema da representação do negro na TV e é claro o primeiro doutor em Comunicação no Brasil, Luiz Beltrão, a partir de sua tese sobre Folkcomunicação defendida em 1967, na Universidade de Brasília.

Da abolição à contemporaneidade

Mas antes de falar do negro no jornalismo é importante pontuar que mesmo depois de 129 anos da abolição da escravatura a população negra ainda se encontra com extrema dificuldade de inserção no mercado de trabalho e também sofre preconceito, brancos ganham duas vezes mais que os negros e esses acabam em empregos menos qualificados a situação da mulher negra e ainda pior elas chegam a receber bem menos que homens brancos. Conforme o intelectual Fernandes (1972, p.33) o negro foi exposto a um mundo que se organizou para os seguimentos privilegiados da raça dominante ele não foi inerte a esse mundo.

A população negra trazida da África para o Brasil tem alguns aspectos importantes, primeiro foi uma migração forçada, ou seja, o negro foi trazido à força, hoje o Brasil é o maior país negro fora do continente africano. O Brasil tinha 13 milhões de pessoas sem ocupação no terceiro trimestre de 2017. Desse total, 8,3 milhões, ou 63,7% se declaram pretos ou pardos. Com isso, a taxa de desocupação dessa parcela da população ficou em 14,6%, valor superior à apresentada entre os trabalhadores brancos (9,9%). Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada no dia 17 de novembro de 2017, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴.

⁴ A informalidade também atinge de maneira mais evidente a população negra. O percentual de empregados pretos ou pardos do setor privado com carteira assinada (71,3%) era mais baixo do que o



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A presença do negro na sociedade brasileira é fundamental na estruturação de todo aquilo que nós somos como brasileiros, pra ter uma ideia cerca de 30% das palavras faladas no Brasil tem origem africana, ou seja, 30% do modo que pensamos, então não podemos desconsiderar a presença também indígena, povos originais da América, sua presença também na formação cultural, política e histórica do Brasil é extremamente importante. Considera-se então, que a presença africana de cor preta na história do Brasil, se torna uma presença fundamental para a sociedade brasileira.

Durante os primeiros 200 anos de colonização no Brasil a tecnologia empregada era africana, ou seja, o conhecimento que foi desenvolvido no Brasil, boa parte trata-se em ser africano. Todavia, esse negro foi retirado a força do continente de origem, trazido para o Brasil, ele não era apenas uma mão de obra, trouxe em sua bagagem conhecimento de metalúrgia, agricultura, tecelagem entre vários outros. E o que aconteceu foi a apropriação da força de trabalho e um empoderamento do conhecimento africano.

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, hídrica do índio – e mais tarde do negro - na composição. Sociedade que se defenderia menos pela consciência de raça, quase nenhuma no português cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxial social e política. (FREYRE, 1933, p.79)

Desde os primeiros momentos da colonização brasileira quando o governo português resolve se estabelecer no Brasil, isso não acontece de imediato a um espaço entre a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 até 1534, em que o estado português não tem interesse no desenvolvimento em produzir absolutamente nada. Mas a partir de 1534, quando começa chegar os primeiros negros escravizados no Brasil, mais ou menos até 1600 a contribuição do negro é fundamental porque ele será a mão de obra dessa empresa colonial principalmente a partir da exploração do ciclo da cana de açúcar, haja vista que vão trabalhar na construção dos engenhos, se tornando mão de obra explorada e escravizada nesse período.

observado no total do setor (75,3%). Dos 23,2 milhões de empregados pretos ou pardos do setor privado, 16,6 milhões tinham carteira de trabalho assinada. (IBGE, 2017).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Essa situação manteve-se inalterada até os inícios do século XIX, quando D. João VI transferiu-se para o Brasil não apenas a maior parte de sua corte, como também o domínio metropolitano. Fugindo das tropas de Junot, o monarca português desembarcava na colônia em 1808 com a firme intenção de estabelecer nos países instituições centralizadoras que reproduzem de forma perfeita o antigo domínio colonial (CORREIA, 1982; AZEVEDO, 1956; CARVALHO 1989; MORITZ, 1993).

Os dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) a partir do censo de 2017, esclarece que metade da população é majoritariamente negra ou parda e em muitos casos o que vale é a auto-declaração, ou seja, não é o IBGE que coloca esses dados, na realidade são os próprios brasileiros que se declararam negro ou pardo, e vale ressaltar que estes também constituem boa parte da população empobrecida mais de 388 anos de escravidão negra do País, representa um período de imensa exploração econômica dessa população que colocou o negro numa situação desalentadora, do ponto de vista da exploração econômica.

O papel social do negro

Do total de brasileiros, 8,2% se consideram pretos, conforme aponta dados do IBGE divulgada em 2017. Porém, o mercado de trabalho ainda se torna escasso para esta população, isso porque é necessário políticas de ações afirmativas, haja vista que se tornam a melhor forma para o enfrentamento eficaz das desigualdades raciais.

Vale enfatizar que a República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito, com fundamentos na dignidade da pessoa humana e os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, e que a ordem econômica e social instituída na Magna Carta está fundada na valorização do trabalho humano e na busca do pleno emprego, e têm por fim assegurar a todos existência digna e bem estar comum, conforme os ditames da justiça social, nos termos dos artigos 1º, 170 e 193 da Constituição da República de 1988.

Artigo 3º da Constituição da República: dispõe que constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I - construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - garantir o desenvolvimento nacional; III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais e IV - promover o bem



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

No mês de maio de 2018, o Ministério Público do Trabalho (MPT), por meio da Coordenadoria Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidade e Eliminação da Discriminação no Trabalho (Coordigualdade), enviou à Rede Globo uma notificação recomendatória, devido à repercussão da estreia da novela “Segundo Sol”, que será exibida no horário nobre. Ambientada na Bahia, estado com o maior percentual de população negra do Brasil, conforme dados do Mapa de Distribuição Espacial da População (IBGE 2013), a novela tem sido alvo de críticas pelo baixo número de atores negros em seu elenco⁵. Conforme Bourdieu (1989), o poder simbólico forma consensos do mundo social, contribuindo para ordem da vida em sociedade.

De acordo com os dados do IBGE até 2014, a televisão está presente em 97,1% (67 milhões) de domicílios brasileiros. Vale ressaltar que a TV brasileira, apesar de necessitar de concessões do governo, surgiu da iniciativa privada e se desenvolveu como um bem patrimonial. Por isso, os formadores de opinião pública são as famílias ricas, em sua maioria, ditando regras e colocando sempre o personagem ou comunicador social de pele branca.

A mídia é o intelectual coletivo desse poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento de povo como “público”, sem comprometer-se com causas verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira. O racismo modula-se e cresce à sombra do difusionismo culturalista euramericano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo (SODRÉ, 1999, p. 244).

⁵ No documento, o MPT realiza 14 recomendações à empresa, tais como: elaboração de um Plano de Ação que contemple medidas para garantir a inclusão, a igualdade de oportunidades e de remuneração da população negra nas relações de trabalho; a realização imediata de um censo entre os trabalhadores que prestam serviços à empresa, com recorte de raça/cor e gênero; um levantamento da quantidade de artistas negros e negras que aparecem em telenovelas, séries, propagandas, programas de entretenimento, entre outros produtos, produzidos pela empresa bem como o de jornalistas e comentaristas; promoção interna e externa de ações de conscientização sobre o racismo na sociedade; abster-se de reproduzir situações de representações negativas ou estereótipos da pessoa negra que sustentam as ações de negação simbólica e as diversas formas de violência. NOTIFICAÇÃO RECOMENDATÓRIA/DIP/PRT1ª/Nº 163.181/2018 . Disponível em: <<http://portal.mpt.mp.br/wps/wcm/connect/portal_mpt/5d9ff32c-6b9c-4dc3-b6df-c92399d7cfcd/NR+TV+Globo+novela+Segundo+Sol+FINAL+c+adequa%C3%A7%C3%B5es+e+bras%C3%A3o.pdf?MOD=AJPERES&CVID=mdhfh2z>> Acesso em 11 mai 2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Outro fato que ocorreu em fevereiro de 2018, se deu através da Escola de Samba de São Cristóvão (Rio de Janeiro), que recontou a história da escravidão no Brasil, nos 130 anos da Lei Áurea, e fez uma crítica ao racismo e às dificuldades dos trabalhadores brasileiros nos dias atuais. Um dos carros mostrou o trabalho informal, com integrantes fantasiados de ambulantes, e outra destacou os "guerreiros da CLT", com operários segurando uma carteira de trabalho gigante. Logo, nota-se que a folkcomunicação vem auxiliando na valorização das manifestações populares como a exibição na mídia do Carnaval.



Componentes da Paraíso do Tuiuti retratam fila de escravos (Foto: Alexandre Durão/G1)

Deste modo, em pleno século XXI, escola de samba alertou sobre a escravidão no Brasil e defendeu a ideia de que ela ainda não acabou, apenas mudou de forma, trazendo a mensagem de alusão à reforma trabalhista que precisa mudar na contemporaneidade. Por conseguinte, os veículos de comunicação de massa, principalmente a TV, transmite a mensagem por meio de um canal folk para os seus receptores que são os telespectadores, internautas, leitores e até mesmo se for uma transmissão radiofônica aos ouvintes.

Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore. Das conversas de boca de noite, nas pequenas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de informações trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

pelo “bicheiro”, ou, ainda, pelos versos do poeta distante, impressos ou folheto que se compra na feira (...) – é que a semente da informação germinou no espírito dos analfabetos. (BELTRÃO, 1971)

Portanto, essa situação de uma novela e do carnaval, também se reflete no jornalismo brasileiro que precisa de ações afirmativas. Maria Julia Coutinho “Maju” já foi apresentadora e repórter da TV Cultura, migrou para a TV Globo e ganhou destaque no Jornal Nacional como a primeira garota da previsão do tempo negra da emissora desde o ano de 2013.

Maria Júlia Coutinho, que recentemente se tornou a “garota do tempo” do Jornal Nacional, falou sobre a importância da representatividade negra no maior grupo de comunicação do Brasil, para o qual trabalha. Em entrevista ao blog Outro Canal, da Folha de S. Paulo, a jornalista, no entanto, fez um alerta: não pode ser a única, ou uma das poucas. “É importante que venham outros [profissionais negros], só assim podemos falar que caminhamos para uma igualdade”, afirmou. (REVISTA FÓRUM, 2015)⁶.

Logo, o jornalista e a população negra não são inferiores nessa sociedade que infelizmente ainda é preconceituosa, o espaço do negro no telejornalismo manauara ainda é pequeno e com falta de oportunidades onde a competência não está relacionada com a cor da pele, mas sim pela capacidade em desenvolver um bom trabalho.

CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa pretendeu demonstrar que dentre as várias causas que impossibilitam o ingresso e ascensão do negro em algumas áreas do mercado de trabalho televisivo, uma das principais e menos explícitas é a existência do racismo na sociedade, analisando a possibilidade de convivência por parte dos meios de comunicação de massa com relação à manutenção do preconceito racial, e do negro em classes inferiorizadas.

Em 24 de outubro de 1986, o Brasil perde um dos mais brilhantes cientistas sociais, Luiz Beltrão, que em 1984 é reconhecido e homenageado como pioneiro do

⁶ REVISTA FÓRUM. **Maria Júlia Coutinho pede mais negros no telejornalismo brasileiro.** Disponível: <<https://www.revistaforum.com.br/maria-julia-coutinho-pede-mais-negros-no-telejornalismo-brasileiro/>> Acesso em 8 mai. 2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Ensino de Jornalismo brasileiro, que traz consigo e propaga sua teoria Folkcomunicação, que se deu a partir de sua Tese de Doutorado. E atualmente tem-se como reflexão a partir deste trabalho uma proposta para futuros estudos nesse segmento de raízes históricas da cultura brasileira a partir do negro nos veículos de comunicação de massa, não apenas TV, como consta neste estudo, haja vista que há uma necessidade em expandir o tema que se torna referência de debates acadêmicos, além embasamento para grandes pesquisas comunicacionais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil** / Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BARBOSA, W. do N. **O problema do negro na História do Brasil** – Volume 1. SP : 2006.

BARBOSA, Walmir de Albuquerque. **A comunicação na Amazônia**. Manaus: 1996 (mimeo).

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação : a comunicação dos grupos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp. 100-122.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no mundo dos Brancos**. São Paulo/ Difusão Européia do Livro. 1972

_____. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes** volume 1 São Paulo. Atica 1978.

SAMPAIO, Patrícia M. (org.). **O fim do silêncio – presença negra na Amazônia**. Belém: Açai / CNPq, 2011. 298 p.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.